

LEITURA DE TEXTOS: A ORGANIZAÇÃO ESPACIAL

READING TEXTS: THE SPATIAL ORGANIZATION

Regina Souza GOMES

Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ

reginagomes@letras.ufrj.br

Resumo: Este artigo tem como objetivo propor sugestões de aplicação da teoria semiótica de linha francesa no ensino de leitura de enunciados verbais, orientando a atenção para elementos concretos do texto, importantes para a construção de seu sentido. Para este trabalho, enfocaremos os recursos de espacialização e aspectualização espacial como importantes procedimentos a observar para uma leitura mais perspicaz dos textos. Apesar de a projeção de espaço não ser essencial para a instauração do enunciado, há alguns gêneros discursivos nos quais esse recurso é especialmente relevante. Após uma revisão teórica, foram feitas sugestões de aplicação, tomando como exemplo um artigo publicado num site de viagens.

Palavras-chave: espacialização, aspectualização espacial, ensino, semiótica.

Abstract: This article suggests means of applying French semiotic theory to the teaching of reading verbal enunciations, directing attention to concrete elements of the text, which are important for constructing its meaning. It focuses on resources of spatialization and spatial aspectualization as important procedures for more insightful reading. Although the projection of space is not essential to establish enunciation, there are some discursive genres in which this resource is especially relevant. After a theoretical review, applications are suggested, including an article on a travel website.

Keywords: spatialization, spatial aspectualization, teaching, semiotics.

1. Introdução

O objetivo deste artigo é demonstrar a aplicabilidade das noções de espacialização e de aspectualização espacial, à luz da semiótica discursiva (GREIMAS, COURTÉS, 2008; FIORIN, 2016; GOMES, 2018), para a leitura mais produtiva de textos e seu ensino. Tomando o texto como um objeto complexo, exigindo conhecimentos sobre recursos linguísticos, argumentativos, expressivos etc., mobilizados pelo enunciatador para produzir o enunciado, o desafio do leitor é observar esses recursos, ou seja, as escolhas enunciativas e seu modo de dizer, para que possa fazer uma leitura eficaz. A organização espacial, sobre a qual discorreremos, é uma delas, apesar de muitas vezes negligenciada.

Nem todos os textos dão ênfase ao espaço e, em alguns deles, nem é possível identificá-lo, sem que haja qualquer problema para a construção do sentido. No entanto, em vários textos, o espaço é um elemento importante na construção dos sentidos e ainda há alguns gêneros, como todos os que tratam sobre turismo e viagens, em que o espaço é o elemento principal. Por isso, a apreensão de como se organiza o espaço nos textos é tão importante e deve ser feita a partir da apropriação de uma metodologia capaz de orientar

quais elementos a observar e como. Dominando metodologias adequadas para a leitura, o professor poderá descobrir formas de conduzir o olhar do aluno para o que é significativo nos textos, contribuindo para construir sua autonomia como leitor.

Levando em conta os elementos concretos dos textos, as escolhas discursivas, apontaremos, a partir das categorias da espacialização e da aspectualização espacial, sugestões de uma abordagem metodológica para o ensino da leitura. Primeiramente, distinguiremos a categoria enunciativa de espaço e a aspectualização espacial, seguiremos com considerações sobre o julgamento cognitivo e afetivo do espaço feito por um observador instalado nos textos, apontaremos alguns elementos linguístico-discursivos relevantes para a percepção da organização espacial no discurso e, finalmente, apresentaremos um exercício de análise, demonstrando a operacionalidade da proposta que fazemos.

2. A projeção do espaço nos textos: a espacialização

Ao produzir um texto, o enunciador instaura o tempo, o espaço e as pessoas do discurso, tendo como referência seu próprio dizer, ou seja, o momento, o espaço e as pessoas da interação comunicativa. Há dois procedimentos de inserção do tempo, espaço e pessoa no discurso: (a) *debreagem enunciativa*, que instaura as pessoas que interagem (eu/tu), o momento em que se fala (o presente, sua anterioridade ou posterioridade), o espaço de onde se fala (aqui); (b) *debreagem enunciativa*, em que se encontram uma pessoa que não está envolvida na interação comunicativa (ele), um tempo diferente do da enunciação (a referência a partir da qual se organiza o tempo é o passado ou o futuro), um espaço também diferente do da enunciação (lá) (GREIMAS, COURTÉS, 2008, p. 111; FIORIN, 2016, p. 37-38).

Neste artigo, apenas nos deteremos no espaço. Então, para compreender melhor como o espaço pode ser projetado nos textos, o texto abaixo, retirado do *Jornal do Brasil on-line*, pode servir de exemplificação:

Seis corpos foram localizados pelo Corpo de Bombeiros entre pedras, **numa região conhecida como Pedra do Anel, na Urca, zona sul do Rio de Janeiro**, na manhã deste domingo, 10. Familiares identificaram os corpos como sendo de traficantes que atuavam **no morro Chapéu Mangueira, no Leme (zona sul)**, e estavam desaparecidos desde sexta-feira, 8. A identificação oficial deles não havia sido divulgada até às 13h30. [...]

Na sexta-feira, 8, houve intensa troca de tiros na Urca entre policiais e traficantes que tentaram fugir **do morro da Babilônia, no Leme, pela mata**. Dali é possível chegar à Urca, e foi esse o trajeto escolhido pelos criminosos para tentar escapar da polícia. (“Bombeiros encontram seis corpos na Urca”. *Jornal do Brasil*, 10/06/18; grifo nosso).

No texto jornalístico, o espaço está organizado a partir do lugar onde não está o enunciador – é um espaço lá, enuncivo, que se concretiza pelas expressões adverbiais “numa região conhecida como Pedra do Anel”, “na Urca”, “zona sul do Rio de Janeiro”, “no morro do Chapéu Mangueira, no Leme (zona sul)”, “do morro da Babilônia, no

Leme”, “pela mata”, “à Urca”, “Dali”. Todas essas expressões organizam os eventos no espaço, importante neste texto jornalístico para a compreensão da narrativa. A identificação do local também cria efeito de verdade, porque o leitor pode perceber os lugares como correspondentes aos já conhecidos, existentes no mundo, dando credibilidade ao texto. Ao mostrar o local de maneira enunciativa, também cria o efeito de objetividade, muito importante para este veículo de comunicação midiática. Essa estratégia permite interpretar o espaço onde ocorrem as ações, independentemente de se saber qual é o espaço onde se encontra o narrador. A expressão pronominal “dali”, por exemplo, pode ser compreendida por meio dos elementos já dados no texto, fazendo referência à mata do morro da Babilônia, no Leme, a partir da qual os “criminosos” poderiam chegar à Urca.

Portanto, por meio dessas expressões linguísticas, é possível visualizar os espaços onde estão os sujeitos e seus deslocamentos, permitindo compreender as ações e ainda emprestar ao texto efeito de objetividade, de veracidade e de imparcialidade.

No trecho da canção abaixo, “Haicai”, de Luiz Tatit¹, o lugar representado é onde se encontra o *eu* que fala e, para interpretá-lo, é preciso conhecer a situação de comunicação. Neste trecho da canção, o actante do enunciado, em sincretismo com o narrador (o personagem e o narrador são figurativizados² como um mesmo ator³, o poeta), toma a palavra em uma enunciação de segundo grau, estabelecendo um diálogo entre os sujeitos que agem no enunciado:

Haicai (Luiz Tatit)

Sofia
Estou aqui esperando
Pra mostrar pra você
Aquela poesia, aquela, lembra?
Que eu te lia, te lia, te lia,
E você não ouvia, não ouvia, não ouvia
Hoje é o dia
Vem ouvir vai
Ela é pequeninha
Parece um haicai
E foi feita especialmente
Sofia, eu estou falando com você
Pára um pouco
Vamos lá fora
Eu leio e vou embora
Ou então aqui mesmo
Te leio no ouvido
Se você não entender

1. A letra completa da canção pode ser acessada por meio da página do compositor, pelo link <http://luiztatit.com.br/composicoes/composicao?id=98/Haicai.html>. A música pode ser ouvida pelo link <https://www.youtube.com/watch?v=KOO0HUEVb64>.

2. Figurativização é um procedimento discursivo que constrói uma rede referencial interna ao texto a partir de expressões que representam os seres e coisas do mundo. As figuras recobrem e concretizam temas (constituindo o procedimento de tematização), que são redes conceptuais que interpretam, classificam e ordenam os universos criados no discurso.

3. Para a semiótica, “ator” é uma categoria semântica que corresponde à figurativização de um actante do enunciado. Pode corresponder a uma personagem, podendo se concretizar em seres ou coisas que participem de um processo, que assumem uma função numa narrativa.

A gente soletra, interpreta
Etc., etc., etc...
Nada, nada, nada, só pulava
Não ouvia uma palavra (Grifo nosso).

Nesse trecho da canção, a compreensão dos advérbios “aqui” e “lá” dependem do conhecimento do leitor sobre as circunstâncias em que o dizer foi produzido, ou seja, de onde fala o interlocutor no diálogo, na descrição da situação de comunicação que pode ser encontrada ao se ler a totalidade da letra da canção (no caso, uma danceteria). A escolha pelo espaço da enunciação, o lugar de onde fala o interlocutor, produz o efeito de subjetividade, criando uma proximidade com o interlocutário, a quem se dirige o interlocutor (na canção transcrita, Sofia). Como se vê, as coordenadas espaciais podem ser construídas em primeiro nível de projeção da enunciação no enunciado, como acontece na notícia do *Jornal do Brasil*, nosso primeiro exemplo, como também por meio de uma debreagem interna, em segundo nível, entre os atores do enunciado, simulando um diálogo.

Outro procedimento é o de *embreagem*, que é uma neutralização das oposições de pessoa, tempo e espaço. Pode ser enunciativa ou enunciva, a depender do efeito de subjetividade ou objetividade que decorre do emprego de uma categoria enunciativa por outra. O exemplo a seguir torna mais claro esse procedimento:

“Uma das coisas mais incríveis que Kepler nos contou é que há planetas em todas as partes e que existem todo tipo de planetas aí fora”, disse Patricia “Padi” Boyd, diretora do programa de pesquisadores visitantes no Centro Goddard Spaceflight da Nasa. (*SpaceX lança novo caça-planetas da Nasa em busca de vida extraterrestre, Jornal do Brasil, 19/04/18*).

Nesse trecho da reportagem publicada no *Jornal do Brasil*, a diretora do programa de pesquisadores visitantes da Nasa emprega o advérbio “aí” no lugar de “lá”, pois ela se refere ao espaço fora da Terra, onde transitam os outros planetas. Ao empregar a expressão enunciativa “aí”, que é normalmente empregada para o espaço em que se encontra o destinatário do dizer, a pessoa com quem se fala, acaba por localizá-lo no espaço sideral, aproximando-o do universo onde estão “todo tipo de planetas”, fazendo-o sentir-se no universo sobre o qual fala. Esse efeito de subjetividade decorrente do emprego da embreagem enunciativa é um recurso para envolver o destinatário do discurso, tornando o enunciado mais interessante.

A debreagem e a embreagem espaciais, portanto, localizam os sujeitos e objetos a partir da enunciação, ora instalando-os no espaço dos participantes da interação enunciativa, ora instalando-os em outro espaço, diferente da cena enunciativa, produzindo sentidos particulares a partir dessas escolhas.

3. Outra forma de organizar o espaço: a aspectualização espacial

Além de organizar os espaços em relação ao sujeito enunciador, tomando como referência a interação enunciativa – a *espacialização* –, os textos podem também mostrar o espaço como um processo em marcha, independentemente da enunciação, construindo

relações de deslocamento, direção (verticalidade ou horizontalidade, perspectividade ou lateralidade), englobamento (interioridade ou exterioridade), profundidade e volume, transposições etc. A esses procedimentos denominamos *aspectualização espacial*.

Para auxiliar na interpretação dos elementos aspectuais espaciais que podem contribuir para o sentido do texto, é importante saber o que observar, além de contar com um conjunto de categorias que servirão de parâmetro para poder saber observar, constituindo uma metodologia de abordagem do texto em relação ao espaço. Segundo Fiorin (2016, p. 235), as categorias aspectuais do espaço dividem-se em *direcionalidade* e *englobamento*. A direcionalidade pode organizar-se em verticalidade e horizontalidade ou lateralidade e perspectividade. O englobamento estrutura-se nas categorias englobado e englobante. Essas categorias podem ser dinamizadas pelo movimento: assim, o movimento aplicado à direcionalidade produz as categorias do afastamento e da aproximação, indicando a distância, e o movimento aplicado ao englobamento produz as categorias de extensão e concentração, indicando a ocupação do espaço.

Há também os movimentos complexos, quando uma das categorias sobredetermina a outra: a direcionalidade aplicada ao englobamento produz uma transposição (entrada ou saída) e o englobamento aplicado à direcionalidade produz a difusão (dispersão ou reunião).

4. Sistema aspectual do espaço:

Direcionalidade	Englobamento
Verticalidade vs horizontalidade Lateralidade vs perspectividade	Englobado vs englobante

- As categorias de *direcionalidade* e *englobamento* podem ser dinamizadas pelo **movimento**:
direção: *afastamento e aproximação (distância)*
englobamento: *extensão e concentração (ocupação)*

Movimentos complexos:

- A categoria da direção aplicada ao englobamento:

(a) **transposição** – *entrada e saída*

- A categoria do englobamento aplicado à direção:

(b) **difusão** – *dispersão e reunião*

Quadro 1: Sistema aspectual do espaço a partir de Fiorin (2016, p. 235-236).

Essas categorias do quadro acima ajudam a identificar os aspectos espaciais relevantes nos textos. Desse modo, o leitor pode prever os possíveis efeitos de sentido produzidos a partir da organização do espaço, que se estabelece sempre a partir de uma categoria de observação, um ponto de vista, construído no texto. É a partir do julgamento cognitivo desse observador que se identifica se os objetos estão dispersos ou reunidos, se estão

englobados ou englobam outros, se há afastamento ou aproximação etc. Citado na seção anterior, o seguinte trecho de reportagem do *Jornal do Brasil*, permite compreendermos melhor como essas categorias permitem entender a organização do espaço: “Na sexta-feira, 8, houve intensa troca de tiros na Urca entre policiais e traficantes que tentaram fugir **do morro da Babilônia, no Leme, pela mata. Dali** é possível chegar à **Urca**, e foi esse o trajeto escolhido pelos criminosos para tentar escapar da polícia” (grifo nosso). Nessa passagem, observa-se um deslocamento espacial, um movimento de afastamento e de saída (“do morro da Babilônia”; “dali”) e de dispersão (“pela mata”), a partir de um ponto de observação até um outro ponto espacial (“Urca”). Essas categorias permitem explicar e entender os movimentos de evasão e fuga dos criminosos. Se, nesse exemplo mais simples, essas categorias permitem apenas tornar mais explícita a organização espacial e seus deslocamentos no discurso, em alguns textos essas categorias serão importantes para permitir enxergar estruturas mais implícitas e fundamentais para a construção do sentido dos textos, como veremos na seção em que demonstraremos as possibilidades de análise em um texto publicado em site de viagem.

5. Diferenciando aspectualização e aspectualização espacial

É importante, então, diferenciar os procedimentos de espacialização e aspectualização espacial. A espacialização toma como ponto de referência a enunciação e suas coordenadas, ou seja, o espaço dos sujeitos que participam da interação comunicativa ou um outro espaço, diferente da cena enunciativa. A aspectualização toma o espaço como um processo em marcha, independente da referência do sujeito que fala. Pode-se considerar um movimento de afastamento quer em relação a um personagem no enunciado (como no enunciado “José se afastou de Maria”, em que a relação de direção é dinamizada pelo movimento, criando o efeito de afastamento, aumentando a distância entre *José e Maria*, personagens do fato narrado) quer em relação ao enunciador (como se vê no enunciado “José se afastou daqui”, em que o afastamento tem como referência o espaço do sujeito que fala). No primeiro caso, a compreensão do enunciado independe do conhecimento do lugar onde ocorre a enunciação, enquanto no segundo enunciado, apenas é possível interpretar completamente o sentido se houver conhecimento do lugar onde ocorre a enunciação (o lugar de onde José se afastou é o do enunciador). Apesar disso, a categoria aspectual do distanciamento espacial se mantém nos dois casos, pois em ambos os enunciados houve afastamento, aumento de distância entre um ponto de observação e outro.

A partir do texto abaixo, podemos exemplificar essa diferença:

Na terça-feira, **em reunião no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan)**, estavam à mesa, além de uma representante do órgão federal, mais duas pessoas: uma do Instituto Rio Patrimônio da Humanidade (IRPH) e outra da Companhia de Desenvolvimento Urbano da Região do Porto (Cdurp). Todas **ali** estavam a discutir sobre como lidar com mais uma importante descoberta arqueológica **no caminho** de mais obras para a **passagem e extensão dos trajetos** do Veículo Leve sobre Trilhos (VLT).

[...]

A Igreja de Santa Rita fica **perto** de um lado boêmio da cidade: **o Beco das Sardinhas, entre a Rua do Acre e a Avenida Marechal Floriano**. Quem bebe um chope **ali** não imagina a importância histórica que será reconhecida com as escavações nas **proximidades** da igreja (“Tesouro histórico na trilha do VLT: especialistas discutem origens e destinos de sítio arqueológico”, *Jornal do Brasil*, 03/06/2018; grifo nosso).

No texto acima, as expressões “no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional”, “ali”, “A igreja de Santa Rita”, “o Beco das Sardinhas”, localizam os eventos narrados num espaço (na primeira e segunda expressões citadas, o local em que se discutia como lidar com a descoberta arqueológica na passagem do VLT; na terceira e quarta expressões, os locais no entorno dos quais ocorreram as descobertas com as escavações). Mesmo não sendo todas expressões adverbiais, localizam topologicamente o lugar dos fatos narrados no texto. Há, então, a projeção do espaço em relação à enunciação, o mecanismo discursivo de *espacialização*. Nessa notícia, não corresponde ao espaço de onde fala o narrador, mas um espaço inscrito no texto como um “lá”. Portanto, não é preciso conhecer de onde fala o narrador para entender as informações relativas aos lugares onde ocorrem as ações, criando-se, assim, um efeito de objetividade e neutralidade.

Além de localizar o evento no espaço, o texto também apresenta uma dinamicidade espacial, a *aspectualização espacial*. Há um sentido de *direcionamento*, concretizado pelo lexema “caminho”, há também *englobamento* e *extensão*, já que os trajetos descritos são delimitados e são dinamizados pelo movimento, como se pode perceber pelas expressões “passagem e extensão dos trajetos” e “entre a rua do Acre e a avenida Marechal Floriano”. A direção também é dinamizada pelo movimento, criando os sentidos de *aproximação* (“perto”, “nas proximidades”), além de ocorrer uma relação complexa de movimento de englobamento aplicada à direção, que determina um deslocamento dos sujeitos, que converge para um fechamento do espaço, produzindo uma *reunião* (“em reunião”).

No texto a seguir, na mesma notícia que aborda as ações de pesquisa espacial da NASA, anteriormente citada, além da embreagem espacial já comentada (emprego do “aí” por “lá”), há outro tratamento curioso do espaço, na fala da pesquisadora Patricia Boyd, relativa à *aspectualização*:

“Uma das coisas mais incríveis que Kepler nos contou é que há planetas **em todas as partes** e que existem todo tipo de planetas **aí fora**”, disse Patricia “Padi” Boyd, diretora do programa de pesquisadores visitantes no Centro Goddard Spaceflight da Nasa. (“SpaceX lança novo caça-planetas da Nasa em busca de vida extraterrestre”, *Jornal do Brasil*, 19/04/18; grifo nosso).

Há uma relação de *englobamento* (criando um espaço interior e outro exterior, do qual a pesquisadora fala), concretizado pela expressão “fora” [do nosso planeta], e há um movimento de *expansão* e *dispersão* (englobamento atuando sobre a direção), no uso da expressão “em todas as partes”.

6. Valores afetivos relacionados ao espaço

Ao introduzir informações sobre o espaço, muitas vezes o narrador também julga os espaços (como interiores ou exteriores, como fechados ou abertos, como próximos ou distantes, como infinitos ou delimitados) e empresta-lhes um valor afetivo. Assim, por meio da aspectualização do espaço, o narrador pode percebê-lo de uma determinada forma. Um espaço fechado, marcado pelo englobamento, dinamizado pela concentração, por exemplo, pode ser sentido como familiar e aconchegante ou como claustrofóbico. Um espaço aberto, exterior, dinamizado pela dispersão e pela expansão, pode ser apreendido como estranho, estrangeiro, ameaçador ou como curioso e aventureiro.

Bertrand (2003, p. 415), ao definir “aspecto, aspectualidade”, em glossário de sua obra, exemplifica os caracteres axiológico e afetivo que estão vinculados à aspectualidade, apresentando um exemplo:

Podem-se, por exemplo, analisar as formas culturais do comportamento ao volante de um carro, sob o ponto de vista do aspecto: o motorista americano se instala no durativo; já o francês, obcecado desde a partida pelo final da viagem, “vive” o percurso segundo o aspecto terminativo. Esse exemplo mostra a ligação entre o aspecto e a apreensão das paixões, que são fenômenos fortemente aspectualizados (paixões iterativas, incoativas, terminativas, etc.).

Além da aspectualidade temporal e os afetos envolvidos, que o autor destaca, percebem-se também os afetos envolvidos no modo de experienciar o espaço e as distâncias. No exemplo dado, a categoria do englobamento, dinamizada, faz ver que o motorista francês está fixado no fechamento, a trajetória deve ser o mais possível encurtada e concentrada; o americano, ao contrário, está imerso na abertura, e a trajetória tem valor por sua extensão. O deslocamento é, então, vivido com ansiedade ou relaxamento, é julgado eufórico ou disfórico, propicia o afastamento ou proximidade, a depender do olhar do observador sobre a distância e os afetos que sobre ela recaem.

O trecho transcrito a seguir, de uma notícia que trata da reabertura gradativa de espaços públicos na França após seis meses de fechamento em decorrência da epidemia de Covid-19, pode servir de exemplo do valor afetivo que a notícia atribui ao espaço:

Comer na **área externa** de um restaurante, **visitar** um museu ou ir ao cinema: os franceses recuperaram nesta quarta-feira (19) **parte da liberdade perdida, um alívio depois de mais de seis meses de duras medidas** para **conter** a propagação da Covid-19 no país.

[...]

Sem grande cobertura da imprensa, mas sem dúvida mais **agradável** foi o café da manhã do aposentado Jean, que **aproveitou** um café com leite acompanhado de um croissant **na área externa de uma cafeteria**.

“**Esperava com ansiedade** por este dia. Antes do **fechamento**, vinha todas as manhãs, tomava um ou dois cafés e lia o jornal, era meu ritual antes de começar o dia”, disse o morador do bairro histórico de Saint-Germain. Ele prometeu “não baixar a guarda”, apesar de ter recebido as duas doses da Pfizer-BioNTech (“França reabre áreas externas de cafés e museus após seis meses de fechamento”, Folha de S. Paulo, 19/05/21; grifo nosso).

Observa-se, nestas passagens da matéria jornalística, uma relação de *englobamento*, circunscrevendo um espaço interior (o da casa, pressuposto no enunciado) e o espaço exterior (o da rua, mas também o do cinema e o do museu). O espaço interior é *concentrado*, sentido como um *fechamento*, um limite, uma prisão, de “liberdade perdida”. O espaço exterior, ao contrário, é visto em *expansão* (perceptível pelo emprego da enumeração de atividades liberadas: “comer na área externa de um restaurante, visitar um museu, ir ao cinema”), como uma *abertura*, e está associado aos valores positivos do lazer, do prazer gastronômico e da cultura. Mobiliza, então, as paixões e emoções benevolentes do alívio, do deleite, da agradabilidade. Valoriza-se, assim, na matéria jornalística, o movimento complexo da *transposição*, tornando a *saída* uma ocorrência positiva e esperada.

Do ponto de vista do julgamento modal, o “fechamento” diz respeito às categorias modais da necessidade e da obrigatoriedade (“para conter a propagação da Covid-19 no país”), enquanto a abertura e a saída, às modalidades volitivas do desejo e da vontade. Mesmo que a abertura seja gradual e tenha alguma restrição (há recuperação de apenas “**parte** da liberdade perdida”, não é possível “**baixar a guarda**”, mesmo com a vacinação), é acolhida com satisfação pelo morador de um bairro da cidade.

7. O que observar nos textos?

Mesmo percebendo a importância do modo de construção do espaço para compreender o sentido dos textos, muitas vezes é preciso saber a quais elementos linguísticos e discursivos devemos voltar nossa atenção, para alcançar uma leitura eficiente. O ponto de partida é sempre os elementos concretos do texto (a exemplo do texto verbal, seus elementos linguísticos), para apreender sua estruturação e os sentidos mais abstratos que veiculam. No caso dos procedimentos a que nos atemos neste trabalho, as expressões que veiculam a noção de espaço devem ser objeto de nossa atenção e é preciso ver como se encadeiam, organizando percursos e relações de sentido (oposição, implicação, graduação etc.). Nesta seção, indicaremos alguns desses possíveis elementos aos quais devemos ficar atentos ao ler os textos. Fiorin (2016, p. 237-260) arrola um conjunto extensivo de categorias gramaticais e lexicais que expressam a noção de espaço, algumas das quais citamos a seguir.

No nível do enunciado dos textos, ou seja, ao que está dito nos textos, os elementos gramaticais e lexicais textualizam as figuras espaciais e os temas a elas relacionados, designando o espaço ou marcando-o como processo, levando em conta as categorias as-

pectuais que organizam os valores espaciais, vistos no quadro anteriormente dado. Quanto aos elementos gramaticais, podem-se observar os verbos auxiliares que indicam deslocamento ou interrupção, transformação (*continuar, deixar, parar* etc., acompanhados de expressão lexical que expresse espaço, indicando deslocamento ou sua suspensão). As preposições ou locuções preposicionais que indicam extensão, limite, englobamento etc. também são fundamentais (*fora, dentro, além de, no interior de, em torno de, exteriormente a, de... a, de... até, desde... a, adiante, ao fundo, para* etc.). Os advérbios ou locuções adverbiais (*por toda parte, por aí, em nenhum lugar*, etc.) e certas construções sintáticas (*percorrer distâncias / percorrer um corredor; cercar a região, extrapolar o limite, circunscrever um domínio espacial* etc.), entre outros, também ajudam a compreender como o espaço está se constituindo nos textos.

Quanto aos elementos lexicais, observar o conteúdo semântico das palavras, inclusive o metafórico (*ir, voltar, mergulhar, surgir, caminho, trajeto, distância, ocupação, volume, ampliar, encolher* etc.). Os elementos figurativos e temáticos e seus encadeamentos que concretizam as categorias aspectuais mais abstratas também devem ser observados, pois criam uma organização espacial que pode ter um importante papel no sentido dos textos (os limites e fronteiras, as saídas e entradas, os deslocamentos; os cerceamentos e expansões etc.).

O julgamento do observador, que apreende os espaços como *próximos* ou *distantes*, *amplos* ou *acanhados*, *altos* ou *baixos*, *profundos* ou *superficiais*, *preenchidos* ou *vazios*, por exemplo, são variáveis nos textos e criam uma imagem espacial onde se deslocam os personagens e podem ser elementos importantes para a interpretação de um texto. Por exemplo, a presença de um vizinho de porta num prédio com muitos apartamentos de uma grande cidade pode ser julgada como distante ou próxima demais, levando em conta a percepção do sujeito. Essa percepção leva a uma determinada apreensão afetiva do observador em relação ao espaço, como já discurremos, que também deve ser compreendida: a proximidade como familiaridade ou como ação invasiva, o englobamento e os limites como prisão ou como proteção, abrigo; como aconchegante ou como sufocante etc.

No nível da enunciação dos textos, relativo ao modo de dizer do narrador, as escolhas enunciativas podem estender ou concentrar os conteúdos, fazendo ocupar espaços mais ou menos amplos no texto. As escolhas de estruturas sintáticas, paralelismos, reiteraões sonoras, repetições, descrições detalhadas ou sintéticas, maneiras de pontuar os textos, imagens, quadros etc. podem fazer com que se modulem no enunciado a importância dos eventos na narração, a dimensão significativa que ocupam no dizer. A diagramação dos textos e na sua distribuição no espaço da página também são relevantes. A ocupação do espaço em comentários e tuítes de internet, por exemplo, pode ampliar as

restrições próprias do gênero, por meio de repetições de *hashtags*, da postagem de figuras de grandes dimensões, de *gifs* e de vídeos (Cf. GOMES, 2020, p. 132-137; GOMES, 2021, p. 60-61), podendo ser relevante para o envolvimento afetivo do leitor.

Finalmente, a distribuição topológica dos enunciados, dos versos nas poesias, na composição entre imagens e linguagem verbal nos textos sincréticos (que reúnem linguagem verbal e visual, melódica, cinética etc.) são formas de ocupação do espaço nos textos que podem ter efeitos significativos na constituição de seu sentido, como já se verifica nos estudos literários dos textos poéticos (Cf. GOMES, 2012, p. 173-176), ou nas leituras de textos cinematográficos, dramáticos, publicitários, etc.

8. Espaço nos textos e leitura

Para demonstrar rapidamente como aplicar esses conhecimentos para fazer uma leitura mais eficiente dos textos, escolhemos um gênero de texto no qual o espaço tem um papel fundamental: um site de viagens. O texto completo é bem extenso e pode ser acessado pelo *link* informado nas *Referências*, ao final do artigo. Abaixo, apenas transcrevemos alguns trechos do texto, para que se possa acompanhar a análise sobre a forma de tratamento do espaço na matéria que sugere uma viagem de carro de Lisboa a Santiago de Compostela. As observações que são feitas são bastante sintéticas e não abrangem outros aspectos (recursos discursivos e argumentativos) que dão sentido ao texto, mas podem dar uma ideia das descobertas e conclusões que podem ser alcançadas ao aplicar as categorias espaciais apontadas pela abordagem semiótica. Para começar, alguns trechos do texto:

Portugal de carro: de Lisboa até Santiago de Compostela

Partindo de Lisboa, essa viagem de sete dias passa por cidades imperdíveis do norte português e termina na espanhola Galícia

DIA 1

Ponto de partida: Lisboa

Ponto de chegada: Coimbra

Percurso aproximado: 276 km

Castelos, cavaleiros, batalhas. Este roteiro **começa** com ares de contos de fada. A Autoestrada A1, seguida da A23 e da A13, **leva** a um dos lugares mais misteriosos do país, em Tomar, **a cerca de 140 quilômetros de distância** de Lisboa.

Erguido no ano de 1160 pela Ordem dos Cavaleiros Templários, em plena época das Cruzadas, o Convento de Cristo tem incríveis fachadas esculpidas em pedra, pátios, escadarias por vezes sombrias e uma impressionante capela dourada. **Reserve duas horas para a visita**, antes de pegar a IC9 e a N356 **em direção a mais uma viagem no tempo, 45 quilômetros adiante.**

[...]

O **Mosteiro da Batalha**, na vila de mesmo nome, **começou a ser construído no século 14**, logo depois da vitória de Portugal diante da Espanha na Batalha de Aljubarrota, que culminou com a independência do país.

Foram **mais de 150 anos até a obra**, que revela elementos góticos, manuelinos e renascentistas, **ser concluída**. O detalhe mais curioso e inusitado da construção, declarada Patrimônio Mundial pela Unesco, são as **capelas inacabadas, abertas e sem teto**.

[...]

Antes do jantar, que pode ser no gourmet Arcadas ou no mais informal Pedro & Inês, vale **passar sem pressa pelos 12 hectares de jardins** que foram palco dos encontros secretos entre o príncipe D. Pedro e Inês de Castro, protagonistas de uma das histórias de amor mais famosas (e trágicas) do mundo.

[...]

Antes de **cair na estrada, aprecie a vista da cidade antiga a partir das margens do Rio Mondego** e vá conhecer uma das mais antigas faculdades do mundo, cujos primeiros registros datam de 1290.

[...]

Os **arredores** do restaurante estão **pipocados** de belos edifícios dos séculos 15 ao 19, e rendem uma gostosa **caminhada**.

[...]

Para atingir o topo, onde fica uma basílica, existe uma via-sacra composta por diferentes **lances de escadas, cercados** de bonitos jardins (há, também, um funicular, considerado o primeiro da Península Ibérica).

[...]

As origens do templo remontam ao século 11, e é possível ver resquícios do seu passado **no subsolo** através de ruínas arqueológicas (“Portugal de carro: de Lisboa até Santiago de Compostela”. *Viagem, Abril, 25/05/2017*, grifo nosso).

Analisando a aspectualização espacial no texto, identifica-se, primeiramente, a escolha do narrador em segmentar a trajetória de 700 quilômetros, programada para ocorrer em 7 dias, em etapas, abrangendo algumas cidades e os lugarejos de parada e de pernoite, entre tantas outros pelos quais o viajante irá percorrer.

Sobre a forma de apreensão das cidades selecionadas para o turismo, há uma ênfase numa forma de ocupação do lugar, que é da *extensão* (abranger o maior espaço possível na cidade delimitada, inclusive pela visão) e numa forma de deslocar-se, pela *dispersão* (abranger várias direções no espaço englobado). Várias expressões do texto corroboram essa leitura: “explorar a cidade”; “bater perna”; “desfile de barquinhos coloridos”; “cercado de confeitarias”, “aprecie a vista da cidade antiga”.

A ocupação do espaço também se dá em *profundidade* – não é só horizontal e linear, mas também é *multidirecional, vertical* (ascendente e descendente). O passeio proposto não se restringe à horizontalidade da trajetória de carro pelas estradas e às caminhadas pelas ruas nas cidades eleitas para apreciação do viajante, mas inclui as “galerias subterrâneas”, as “ruínas arqueológicas no subsolo”, a “subida ao topo da construção” e “atingir o topo”. Viver a cidade em profundidade se materializa, no enunciado, pela expressão “mergulhar no lado mais moderno da cidade”.

Nas orientações e dicas dadas pelo *site*, os objetos atraentes para os quais o viajante deve voltar sua atenção (restaurantes, igrejas, locais pitorescos) são sempre mostrados como *próximos* (“a poucos passos”, a poucos minutos a pé ou de carro). A ordem e a direção propostas aproximam os pontos de interesse, fazem o viajante sentir como possível abarcar todos os pontos turísticos no pouco tempo de que dispõe para explorar cada cidade ou lugarejo sugerido.

A integração entre o espaço e o tempo (sincretizado na expressão “viagem no tempo”) tem como efeito de sentido a plenitude – em poucos dias, apreendem-se séculos de história, os objetos são ao mesmo tempo percebidos como longevos e presentes e pontuais; percorrem-se em profundidade os espaços, ao mesmo tempo extensos e próximos. Percorre-se, então, uma longa distância (mais de 700 km) em poucos dias (7 dias), os séculos de existência dos objetos (sua permanência espacial e temporal) são alcançados numa visita (e numa vista).

O texto faz crer, então, que o saber doado pelo enunciador torna mais eficiente a viagem, mais próximos os pontos de interesse, mais breve o encontro e o alcance da experiência plena e prazerosa. Faz acreditar que a leitura da matéria dará competência ao viajante para viver intensamente a experiência da viagem, sem a qual o passeio poderia ser perdido, disperso, sem sentido. Dessa maneira, cria-se no texto um modo de vivenciar os espaços estrangeiros, apontam-se quais são os valores a serem assumidos (e consumidos) – os sabores, os cheiros, o conforto, as histórias, as fantasias, as paisagens, as belezas que importam –, o que não inclui, em nenhuma parte do texto, a convivência com o outro, sua cultura, sua vida cotidiana, sua forma de vida.

Como se vê, ao identificar essas categorias, é importante que toda a leitura esteja baseada nos elementos concretos do texto, é preciso saber apontar as passagens e elementos textuais que dão sustentação aos sentidos atribuídos ao texto, perceber como se encadeiam em percursos, como se relacionam semanticamente. Além disso, a observação do ponto de vista espacial instituído pela enunciação no enunciado e a forma de segmentação, ordenação e ocupação do espaço permite interpretar, com maior profundidade, os valores e os afetos a serem assimilados e vivenciados pelo leitor.

O professor, com o olhar orientado pela metodologia sugerida, pode formular questões que, partindo da observação de elementos na concretude textual, de natureza linguístico-discursiva, possibilite aos alunos alcançar maior nível de abstração, encontrando as estruturas semânticas subjacentes e seus modos de relação. Evidentemente, não se trata de ensinar diretamente aos alunos as categorias e seus conceitos, mas de fazer uma transposição didática, adaptada ao nível de ensino e à linguagem própria dos alunos, orientando seu olhar para os elementos relevantes.

9. Conclusão

A espacialização e a aspectualização espacial, como procedimentos discursivos, são fundamentais para a construção do sentido de certos textos. Além dos artigos e comentários em sites de viagem, os romances, as notícias, os textos que circulam na internet também podem mobilizar como recurso a divisão do espaço, os deslocamentos, as transposições, como aspectos importantes para a construção de seu sentido. Devem, então, ser observados e recuperados nas atividades de leitura. A organização do espaço inscreve um ponto de vista a partir do qual os sujeitos e objetos se localizam e circulam, segundo a percepção do narrador ou dos actantes do enunciado, seus julgamentos e seus afetos. O leitor deve, então, partilhar dessa perspectiva a partir da qual os eventos são dados a ver e sentir, para que possa compreender os efeitos produzidos e possa atribuir adequadamente os sentidos possíveis aos textos. Esse alinhamento provisório do leitor à perspectiva do autor (concretização figurativa do enunciador) não significa ausência de reflexão crítica: ao contrário, somente pode avaliar com independência um texto quem o compreende em profundidade.

A espacialização e a aspectualização espacial são apenas dois dos inúmeros procedimentos de que se vale o enunciador de um texto para a construção do seu sentido, para transmitir valores e envolver afetivamente o leitor. A diversidade de textos de variados gêneros permitirá conhecer outros recursos e oferecer ferramentas para a formação de leitores perspicazes. Essa é uma aventura a ser compartilhada por professores e alunos, nas suas descobertas conquistadas pelo apuro do olhar, que se alcança por meio de uma metodologia sólida. A semiótica é uma dessas teorias de estudo do texto, entre outras que o professor pode dominar para dar-lhe uma base segura para orientar o trabalho de interpretação dos alunos e avaliá-lo.

10. Referências

- GOMES, R. S. Aspectualização em poesias eletrônicas. In: PORTELA, Jean C. et al. **Semiótica: identidade e diálogos**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012, p. 165-179.
- BERTRAND, D. **Caminhos da semiótica literária**. Trad. de Ivã Carlos Lopes et al. São Paulo: EDUSC, 2003.
- BOMBEIROS encontram seis corpos na Urca, no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, **Jornal do Brasil**, 10/06/2018. Disponível em: <http://www.jb.com.br/rio/noticias/2018/06/10/bombeiros-encontram-seis-corpos-na-urca-zona-sul-do-rio/>. Acesso em 20/05/2021.
- DAFLON, Rogério. Tesouro histórico na trilha do VLT: especialistas discutem origens e destinos de sítio arqueológico. Rio de Janeiro, **Jornal do Brasil**, 06/03/2018. Disponível em <http://www.jb.com.br/rio/noticias/2018/06/03/tesouro-historico-na-trilha-do-vlt-especialistas-discutem-origens-e-destinos-de-sitio-arqueologico/>. Acesso em 11/06/2018.
- FIORIN, J. L. **As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo**. São Paulo: Contexto, 2016.

FRANÇA reabre áreas externas de cafés e museus após seis meses de fechamento. São Paulo, **Folha de S. Paulo**, 19/05/2021. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2021/05/franca-reabre-areas-externas-de-cafes-e-museus-apos-seis-meses-de-fechamento.shtml>. Acesso em 20/05/2021.

GOMES, R. S. Aspectualização e interação em comentários de notícias digitais. **Revista do GEL**, v. 17, n. 3, p. 119-142, 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/gel.v17i3.2828>. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/rg/article/view/2828/1866>. Acesso em 20/05/2021.

GOMES, R. S. Interação na internet e ideologia: excesso e atenuação. **Estudos Semióticos**, [S. l.], v. 17, n. 1, p. 55-71, 2021. DOI: 10.11606/issn.1980-4016.esse.2021.181037. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/esse/article/view/181037>. Acesso em 20/05/2021.

GOMES, R. S. **Um olhar semiótico sobre a atualidade: a aspectualização a partir de Greimas**. In: **Estudos Semióticos**. [on-line], volume 14, n. 1 (edição especial). Editores convidados: Waldir Bevidas e Eliane Soares de Lima. São Paulo, março de 2018, p. 108– 116. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/esse/article/view/144314>. Acesso em 20/03/18.

GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. *Dicionário de Semiótica*. Trad. Alceu Dias Lima et. al. São Paulo: Contexto, 2008 [1993].

SPACEX lança novo caça-planetas da Nasa em busca de vida extraterrestre. Rio de Janeiro, **Jornal do Brasil**, 19/04/18.

TATIT, Luiz. **Haikai**. Site oficial do autor. Disponível em <http://luiztatit.com.br/composicoes/composicao?id=98/Haikai.html>. Acesso em 20/05/2021.

VERANO, Rachel. Portugal de carro: de Lisboa até Santiago de Compostela. São Paulo, **Viagem**, Abril, 25/05/2017. Disponível em <https://viagemeturismo.abril.com.br/materias/roteiro-por-portugal-com-um-pulo-em-santiago-de-compostela/>. Acesso em 20/05/2021.